

A EXPANSÃO DA AGRICULTURA NA REGIÃO DE
CRIAÇÃO DE GADO DO PLANALTO RIO-GRANDENSE

* *Geógrafo Raymond Pébayle*

** *Tradução de Elisabeth de Castro Borges*

Este estudo objetiva confirmar a expansão da agricultura nos campos do planalto rio-grandense e sobretudo conhecer a maneira como se processou a fixação dos granjeiros. (1). Sob este último ponto de vista, parece-nos fundamental estruturar o estudo desta nova sociedade rural em quatro temas:

- 1 - As origens dos granjeiros, sob os pontos de vista geográfico, social e econômico.
- 2 - O "pioneirismo" que presidiu a sua fixação (pioneirismo entendido no sentido de aventura sempre arriscada que é uma das características da ocupação pioneira dos solos no Brasil).
- 3 - A importância das mudanças realizadas: os granjeiros ficaram adstritos às técnicas "extrativas" ou então adotaram sistemas de cultura de verdadeiros agricultores.
- 4 - O grau atual de fixação dos granjeiros: lançam eles as bases de uma nova sociedade rural num meio de criadores tradicionais ou antes são ainda muito frágeis e muito instáveis para realizar uma verdadeira mutação rural?

O questionário anexo era destinado a esclarecer estes diversos temas. Nós o elaboramos depois de termos percorrido toda a região e aí realizado mais ou menos cinquenta inquéritos orientados, precisamente, na direção do estudo das modificações atuais da sociedade rural do planalto rio-grandense. (2).

Decidimos aplicá-lo em quatro municípios muito diferentes.

* Pesquisador do Centre D'Etude de Geographie Tropical do C N R S.

** Geógrafo da U.G.C.

NOTA (1): Ver: P. Pébayle: "O Centro do Planalto rio-grandense: Uma região rural em mutação. Boletim Geográfico do RGS. Ano 16 nº 14 - Jan-dez de 1971. O presente artigo foi elaborado em 1971, baseado num estudo de campo feito em 1969.

NOTA (2): Não poderíamos deixar de agradecer o auxílio que a CEMAPA nos prestou durante as excursões ao campo que nos permitiram o acesso e a pesquisa nesta região do Rio Grande do Sul. Queremos, da mesma forma, agradecer às agências do IBGE de Porto Alegre, Giruá, São Luiz Gonzaga, Carazinho, Passo Fundo e Cruz Alta, que tomaram a seu encargo a aplicação de uma grande parte dos nossos inquéritos. Para a elaboração dos questionários contamos com a preciosa colaboração do Professor Gervásio R. Neves, assim como a gentileza do Dr. Zancá, economista da SUDESUL, que nos orientou na escolha do critério de amostragem.

- CRUZ ALTA: município onde as primeiras tentativas de cultura em terra de campo datam de imediatamente após a guerra e onde os "granjeiros" são numerosos.

- CARAZINHO: onde a evolução está um pouco menos avançada ainda que os primórdios da agricultura aí sejam igualmente muito antigos.

- GIRUÁ: onde as primeiras tentativas de agricultura datam dos anos 50 e foram realizadas sobretudo por elementos locais.

- SÃO LUIZ GONZAGA: onde as mudanças são um pouco mais recentes ainda e se caracterizam pelo fato de os granjeiros terem vindo de outros municípios à procura de novas terras.

A amostragem está baseada na lista dos granjeiros que cultivaram mais de trinta hectares de trigo em 1966 e foi concebida para um erro calculado de 5%. Foram discriminadas cinco categorias de exploração (menos 75 ha; de 75 a 150 ha; de 150 a 250 ha; de 250 a 350 ha; mais de 350 ha). Para o cálculo da variância levou-se em consideração as quantidades de adubos utilizados por ha (hectare) cultivado.

Estes questionários foram distribuídos pelos representantes locais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, solução que preferimos àquela que consistiria em nós mesmos aplicá-los. Porque, teoricamente, estes granjeiros que trabalham maciçamente com a ajuda financeira do Banco do Brasil não se arriscariam a fazer declarações falsas a uma instituição oficial que no seu espírito poderia acarretar sanções sob a forma de corte em seus créditos. No caso contrário, as pequenas mentiras prejudicam consideravelmente os resultados dos inquéritos.

Os resultados obtidos foram, entretanto, quantitativamente insuficientes já que dois municípios, Cruz Alta e Carazinho, muito pouco responderam aos questionários. Isto não surpreende quase nada se si considera que estas duas circunscrições agrupam precisamente o maior número de granjeiros, grandes empresários e por isso mesmo tementes da reforma agrária.

Ao contrário, Giruá e São Luiz Gonzaga, onde as transformações são mais recentes e as propriedades relativamente menores, deram resultados satisfatórios.

Ver-se-ão em primeiro lugar os resultados da sondagem em Giruá; depois, por comparação, a originalidade do município pioneiro de São Luiz Gonzaga aparecerá rapidamente.

I - G I R U Á

A - Primeira tema: origem dos fazendeiros.

Os granjeiros são, na maioria (ao menos 60%) descendentes de colonos alemães principalmente. Quase todos eles (90%) tinham praticado já a agricultura, em terras de floresta a maioria, antes de se lançar na grande cultura mecanizada. Para 70% dentre eles, a agricultura era já uma tradição familiar se se julga pela profissão dos pais. De criadores de gado pode se computar apenas uns 30%.

Na época de suas primeiras tentativas de agricultura no campo, 47% dos granjeiros eram ainda agricultores em terras de mato, 27% eram comerciantes, 7% artesãos e 3% operários agrícolas.

Estes granjeiros são, em uma proporção de 75% originários de Giruã e dos municípios vizinhos. É de se notar que todos estes municípios possuem uma parte de mato e outra de campo. Assim as terras de campo constituíam, para os novos agricultores, um solo conhecido, quando não já experimentado. Portanto, primeira constatação de importância: estes são então agricultores ou descendentes de agricultores e não de criadores de gado - que, ultrapassando os limites originais das colônias florestais, foram se instalar no campo. Relativamente às regiões mais centrais, onde a agricultura é mais antiga, vê-se que a proporção dos não agricultores é relativamente fraca. Em Cruz Alta e Passo Fundo, os comerciantes e titulares de profissões foram, ao contrário, os pioneiros da agricultura; porém lá ainda, parece que a maioria era de origem camponesa.

Para se lançar em uma tal empresa era preciso ser jovem. É o que mostra efetivamente o depoimento dos questionários; na época em que se iniciaram como grandes plantadores de cereais, 70% destes homens tinham menos de 39 anos. A média da idade era de 31 anos. Atualmente é de 45 anos.

Convinha também que estes fazendeiros estivessem em condições de apreciar as vantagens financeiras oferecidas pelo Governo Brasileiro. Era preciso igualmente não ter medo dos créditos a longo prazo e compreender as vantagens e inconveniências de uma gestão de empresa moderna. Ser jovem não bastaria porque, a priori, um mínimo de instrução e de abertura era igualmente necessário, de fato, os questionários mostram que estes granjeiros foram recrutados entre a população alfabetizada (10% somente de analfabetos e uma média de 4 anos de estudos) e tendo um sólido conhecimento do mundo não camponês. É notável, deste modo, que 80% dos granjeiros atuais tenham já morado na cidade antes de sua mutação profissional. 73% deles tinham mais de 10 anos de cidade.

Estas estadias os tinha certamente familiarizado com um elementar conhecimento de técnicos comerciais e bancárias.

Esta observação coincide curiosamente com a que fizemos em 1969, na região de Brasília onde, no final de uma pesquisa do mesmo gênero, pudemos verificar que existiam relações bastante nítidas entre a adoção de novos sistemas de culturas, de um lado, e um conhecimento da vida urbana, de outro. (3).

Finalmente, em Giruã, os granjeiros das coxilhas são em geral, por suas origens, agricultores, mas em relação aos colonos isolados das florestas do Rio Grande do Sul, eles parecem mais jovens, mais instruídos e mais familiarizados com a cidade.

(3) Raymond Pébayle: "A área rural do Distrito Federal Brasileiro". Revista Brasileira de Geografia. Ano 33 - nº I. Jan-março de 1971 - pp. 39-83.

Enfim, a localização geográfica dos seus lugares de nascimento e de suas profissões anteriores, permite concluir que todos conheciam este novo tipo de solo, reputado por tradição, hostil às culturas: o campo.

B - Segundo tema: o pioneirismo da instalação.

Em Giruã, os agricultores do campo não eram certamente verdadeiros pioneiros da cultura do trigo, função esta ocupada, como se viu na região do centro do planalto rio-grandense, pelos habitantes de Cruz Alta e de Passo Fundo. Mas pode-se perguntar se sua instalação neste novo solo - terra de campo - se fez prudentemente ou à maneira sempre arriscada que caracteriza a mentalidade pioneira do Brasil.

No primeiro ano das culturas, 70% dos granjeiros trabalhavam em terras pertencentes aos criadores de gado. Eles pagavam a locação da terra principalmente em dinheiro (arrendatários), ou sob a forma de uma percentagem sobre as colheitas (parceiros). A média das superfícies cultivadas era de 106 hectares. 20% somente destes granjeiros começaram com menos de 25 hectares, enquanto que 53% cultivaram mais de 75 hectares desde suas primeiras experiências.

Os riscos de uma tal empresa não eram desprezíveis se se considera que perto de 90% dos granjeiros plantaram somente trigo por ocasião do primeiro ano de sua implantação. A soja, principal cultura de verão, não foi, com efeito, adotada senão vários anos após pela maioria dos agricultores. Além disso, somente 40% desses granjeiros fertilizaram as terras de campo. Quanto à prática da calagem, ela era simplesmente ignorada. Para aumentar ainda o risco da empresa, 53% destes granjeiros desde o início recorreram ao crédito do Banco do Brasil; 23% deles fizeram este apelo menos de cinco (5) anos após sua instalação. O questionário dá, aliás, uma indicação sobre a utilização destes créditos que foram destinados sobretudo a compra de tratores.

Para obter estes empréstimos, deviam naturalmente poder oferecer garantias que estes granjeiros nem sempre tinham. - Com efeito, a metade dentre eles declaram que não possuíam nenhum bem imobiliário na época do início como agricultores de terras de campo. Entre aqueles que eram proprietários, 10% tinham bens na cidade, 13,3% eram proprietários, por sua vez; na cidade próxima e na campanha. A maioria destes granjeiros proprietários oferece seus bens imobiliários como garantia dos créditos bancários solicitados. Para aqueles que nada possuíam em imóveis, a solução consistiu em hipotecar o maquinário agrícola ou o gado. Os bens dos ascendentes foram também postos à disposição. Enfim, a solução do avalista foi utilizada por aqueles que se lançaram sem nada no empreendimento.

Mais sociológica talvez, mas não menos fundamental para a explicação dos fenômenos que nos interessam, era a idéia bastante vaga que estes novos agricultores faziam da rentabilidade de uma grande empresa mecanizada de cerealicultura; 43% declaram atualmente que não tinham nenhuma idéia dos rendimentos financeiros de uma tal empresa às vésperas de suas primeiras experiências.

Esta idéia, a rentabilidade da lavoura mecanizada, foi adquirida da seguinte maneira:

- 1 - Uma só fonte: 43%
 - * Observação da experiência pessoal: 27%
 - * Conversa com um especialista: 10%
 - * Conversa com vizinhos: 6,6%
- 2 - Várias fontes: 57% entre as quais:
 - * Conversa com agrônomo combinado com outras fontes: 43%
 - * Leitura de revistas e jornais especializados combinados com outras fontes: 40%.

A fragilidade destas fontes pode surpreender. Para apreciar validamente estes resultados será necessário poder compará-los com os de uma pesquisa similar conduzida junto aos verdadeiros pioneiros da cultura em terra de campo. É verossímil que esses resultados não pareceriam desprezíveis, pois mais da metade dos primeiros granjeiros de Cruz Alta não tinham certamente tomado o conselho de um engenheiro agrônomo antes de se lançar na grande cultura mecanizada.

Numa palavra, houve certamente em Giruá muito risco e aventura pioneira por ocasião da primeira fase da ocupação dos solos pelos granjeiros. Bastava uma ou duas más colheitas para arruinar a maior parte dos agricultores. Estes, todavia, comparados aos verdadeiros precursores, não eram totalmente, os aventureiros de um eldorado agrícola.

C - Terceiro tema: a importância das mudanças realizadas.

Hoje estes granjeiros de Giruá são grandes empresários, pois que, quando do ano agrícola 69-70, cada um cultivou, em média, ao menos 342 hectares! Não se encontra mais fazendeiro cultivando menos de 50 hectares em 1970. Pelo contrário, 6 dentre eles plantaram mais de 500 hectares.

A amostragem nos dá a seguinte repartição das superfícies cultivadas:

De 50	a	100 ha	: 16,6 %
De 101	a	200 ha	: 16,6 %
De 201	a	300 ha	: 23,3 %
De 301	a	400 ha	: 20 %
De 401	a	500 ha	: 3,3 %
Mais de		500 ha	: 20 %

Os trabalhos agrícolas destes fazendeiros são inteiramente feitos com o auxílio da máquina. Atualmente se conta, em média, 3,6 tratores e 1,7 colheitadeiras automotrizes por empresa; isto dá um trator por 93 hectares cultivados e uma automotriz por 200 hectares cultivados. Certo, isto ainda é insuficiente, mas, para agricultores que começaram com quase nada 14 anos antes, estas cifras dão a medida da rapidez da evolução.

Em resumo, estes granjeiros estão progredindo e investiram suficientemente em seus estabelecimentos a ponto de ter agora, um capital de exploração que ultrapassa em média Cr\$ 120.000,00 (mais ou menos 160.000 francos).

Paralelamente, dois resultados das pesquisas mostram perfeitamente que estes agricultores abandonaram o sistema de cultura "extrativa". Com efeito, respectivamente 93,3% e 80% dentre eles tem regularmente recorrido a fertilização química e a calagem! Se se acrescenta que a maioria dos agricultores de Giruá costumam lutar contra a erosão lavrando e plantando segundo as curvas de nível, pode se concluir que os novos empresários de campo se preocupam atualmente com a conservação dos solos.

Por outro lado, eles não são mais monocultores pois 96% dentre eles cultivam atualmente a soja em rotação com o trigo. As plantas de verão, soja e milho sobretudo, dão folgadoamente os rendimentos financeiros mais altos das granjas do planalto rio-grandense.

Enfim, uma associação da agricultura e criação de gado parece se desenhar. Com efeito, se 40% dos agricultores declaram não fazer criação de gado ou limitar sua importância ao consumo familiar, mais da metade (56,6%) cria gado com fins comerciais. Para estes granjeiros a criação de gado é uma atividade recente, já que 3/4 dentre eles a ela se dedicam desde 15 anos (em muito pequena escala verdadeiramente)! A novidade parece residir no fato de que, quando criam gado, estes granjeiros não utilizam exclusivamente os pastos nativos senão em 30% dos casos. Os outros, ou procuram completar a insuficiência de cobertura vegetal do campo cultivando alguns hectares de pastagens artificiais (41%), ou criam somente em pastagens artificiais (23,5%) ou então ainda soltam o gado nas restevras da colheita anterior (6%).

Assim, os antigos policultores de terras de mato, que são os grandes agricultores atuais do campo, não estão longe de concluir, em menos de dois decênios, uma mutação total, já que após ter abandonado as terras de mato pelo campo, eles transformaram completamente seus sistemas culturais e estão próximos de retomar, sobre bases novas, a atividade tradicional do campo: a pecuária extensiva.

D - Quarto tema: grau da implantação atual.

Aparentemente, a situação econômica destes granjeiros não é ainda muito sólida, pois 3,3% dentre eles alugam ainda as terras de cultura e 96% ainda recorrem ao crédito bancário.

As pesquisas nos convenceram, além disso, de que estes créditos não são sempre bem empregados e que uma parte é seguramente desviada da granja.

Entretanto, as mudanças notadas nos sistemas de cultura parecem se verificar já em outros domínios, a tal ponto que seria errado dizer, em 1970, que os granjeiros são empresários perfeitamente instáveis.

Assim, a fim de medir o grau de implantação destes granjeiros, nos lhes perguntamos se tinham comprado alguns bens imobiliários desde suas primeiras experiências na agricultura.

ra de campo: 85% responderam pela afirmativa. Estes bens foram adquiridos sobretudo no município de Giruã e, se 44% dentre eles investiram na cidade, todos sem excessão compraram terras de campo. O quadro abaixo mostra que estas compras não são nada desprezíveis.

Menos de 50 hectares :	3,3 %
50 a 100 hectares:	0
101 a 200 hectares:	40 %
201 a 300 hectares:	3,3 %
301 a 400 hectares:	13 %
401 a 500 hectares:	6 %
Mais de 500 hectares:	16 %

E, como alguns dentre eles poderiam preferir um retorno às terras de mato que continuam gozando de uma reputação de fertilidade superior as do campo, pedimos a estes granjeiros para precisar a natureza das terras compradas: todos compraram terras de campo; 20% deles adquiriram também alguns hectares de terras de mato.

Estes são os sinais certos de implantação. Convém entretanto não os exagerar, pois estes granjeiros também não são verdadeiros camponeses. O habitat da granja prova muito bem que, até agora, não houve preocupação com instalação definitiva; com efeito apenas um quarto das casas são construídas de tijolos; por outro lado, 90% dos galpões são ainda de madeira.

O absentismo, além disso é ainda característico, pois 56% dos fazendeiros não moram na sede de sua propriedade. Mas, salvo dois casos de granjeiros que moram em Santa Rosa, cidade colonial situada a mais ou menos 30 quilômetros de Giruã, todos habitam nesta última cidade.

Trata-se pois de um absentismo muito relativo que se aproxima mais daqueles fazendeiros americanos da pradaria que aos dos grandes proprietários criadores de gado do Nordeste que, abandonando sua fazenda de criação ao vaqueiro, preferem o conforto das grandes capitais à rusticidade da vida no sertão. Além disso, 43% somente dos granjeiros possuem "capatazes", isto é, gerente de sua granja.

As pesquisas mostram que, com ou sem capataz, a maioria dos fazendeiros visita quotidianamente a sua propriedade rural.

Seria conveniente conhecer também os projetos destes granjeiros. Isto foi objeto da única questão com respostas perfeitamente livre que colocamos.

As respostas são não somente numerosas (85% tem a intenção de introduzir novidades na sua empresa), mas também muito eloquentes. É de se notar que os projetos dos granjeiros constituem uma exposição quase perfeita do que conviria fazer para erguer esta região do planalto rio-grandense ao nível das mais florescentes empresas das grandes pradarias americanas.

Quanto à distribuição e à frequência destas respostas, se notará mais particularmente que:

- A maioria tem mais de um projeto de melhoramento.
- As novidades mais assinaladas concernem ao melhoramento das construções e ao aumento ou à modernização do maquinário.
- A correção, a adubação dos solos e o reflorestamento estão no espírito de mais de um quarto dos granjeiros.
- 1/5 dentre eles pensam em associar mais estreitamente a criação de gado selecionado às culturas.

São seguramente projetos que visam a uma implantação definitiva. Ao contrário, a procura de um rápido enriquecimento (simples acréscimos da superfície cultivada, aumento dos rendimentos físicos, obtenção de mais créditos oficiais) não parece de nenhum modo constituir a preocupação fundamental destes homens.

Enfim, convém saber como estes fazendeiros viam o futuro de sua região. Desejariamos também saber como se situariam eles mesmos nesta evolução decididamente muito rápida. As alternativas propostas ofereceram diversas opções que não eram outras senão os degraus entre a tradição pura do pastoreio extensivo e uma inovação total sob a forma da associação de uma agricultura mecanizada e moderna a uma pecuária de técnicas renovadas.

Os resultados são interessantes pois eles mostram que todos se opõe à hipótese de um simples retorno à tradição pecuária!

Ninguém se pronuncia nitidamente a favor de uma criação exclusiva em pastagens artificiais. Pelo contrário, 30% escolhem o desenvolvimento exclusivo da agricultura mecanizada; 53% consideram que o ideal consistiria em associar agricultura e pecuária - 13% enfim, apresentaram respostas não muito convincentes digo coerentes que, entretanto, giram sempre em torno de uma associação entre pecuária em pastagens artificiais e a agricultura mecanizada.

Estas respostas parecem caracterizar bem o estágio da evolução atual e do porvir imediato desta região do campo rio-grandense.

II SÃO LUIZ GONZAGA

Ao contrário de Giruá, a agricultura de campo no município de São Luiz Gonzaga é principalmente obra de granjeiros migrantes (2/3) vindos de municípios por vezes muito distantes (Bagé, por exemplo) onde já tinham experimentado a grande cultura mecanizada. Eles saíram de suas terras de origem a fim de encontrar no oeste gaúcho "terras novas" menos exigentes em adubo e em calcário. Foi pois, em parte, uma solução de facilidade que estes agricultores procuravam.

Em suma, eles representam ainda um tipo pioneiro que em Giruã tende a desaparecer.

Com efeito, sendo ainda sobretudo de origem colonial como seus homólogos de Giruã, estes homens começaram mais modestamente, pois 53% dentre eles cultivaram, em seus começos, menos de 50 hectares de terra de campo.

Suas primeiras tentativas foram também mais aventuro-
sas pois 3/4 deles declararam que não tinham aquela época se-
não um conhecimento muito reduzido (observação pessoal so-
mente) da rentabilidade de uma granja. Em compensação, eles a-
prenderam mais cedo, nos municípios orientais de onde são o-
riginários, a cultivar a soja em rotação com o trigo e a en-
gordar o gado (73% atualmente).

Mas, por outro lado, estes granjeiros estão menos adi-
antados na inovação que os autóctones de Giruã. Por exemplo,
a metade apenas utiliza a calagem atualmente. A mecanização
de suas empresas é menos desenvolvidas (um trator para 117
hectares e um automotriz para 248 hectares). Eles cultivam
também menos terras (298 hectares em média).

Quanto à instabilidade destes granjeiros, ela ressalta
por uma série de respostas ao questionário.

- 53% somente se tornaram proprietários de terras ou
de casas em São Luiz Gonzaga mesmo.
- 20% dentre eles possuem uma casa de tijolos na sede
de sua granja.
- 2/3 são absentistas.
- 20%, enfim, têm a intenção de introduzir melhoramen-
tos na sua empresa.

É entretanto revelador que mais de 3/4 tem a intenção
de associar mais estreitamente a agricultura à pecuária.

Em resumo, este são os traços mais característicos de
uma região de campo onde a agricultura ainda permanece um
pouco pioneira. Parece, entretanto, que estes sejam suficien-
tes para permitir uma conclusão geral sobre as modalidades
e os resultados atuais da invasão dos agricultores ao domí-
nio tradicional dos criadores de gado gaúchos.

- 01 - Nome: _____
- 02 - Idade: _____
- 03 - Lugar de nascimento: _____
- 04 - Quantos anos você frequentou a escola? _____
- 05 - Antes de ser granjeiro, qual a sua atividade principal? _____
- 06 - Você já morou na cidade? _____ Quais cidades? _____
Quanto tempo? _____
- 06.1 - _____
- 06.2 - _____
- 06.3 - _____
- 06.4 - _____
07. - Em que ano você começou a agricultura em terra de cam-
po? _____
- 07.1 - Em que município? _____
- 07.2 - Quantos hectares você cultivou na primeira vez? _____
- 07.3 - Você é proprietário? _____
Arrendatário? _____
Parceiro? _____
Outra coisa? _____
- 07.4 - Antes de cultivar em terra de campo esteve já traba-
lhando na agricultura? _____
- 07.5 - Em que município? _____ Distrito? _____
- 07.6 - Quando você começou a agricultura em terra de cam-
po, tinha você uma idéia da rentabilidade de uma gran-
ja? _____
Como a tinha adquirido? _____
* Durante conversas com vizinhos? _____
* Durante uma conversa com um especialista? _____
* Por observação pessoal? _____
* Pela leitura de jornais ou revistas? _____
* De uma outra maneira? (indique-a) _____
- 08 - Em que ano você comprou seu primeiro trator? _____
- 09 - Em que ano você utilizou os adubos pela primeira vez? _____
- 10 - Em que ano você começou a plantar a soja? _____
- 11 - Praticou você igualmente a criação de gado? _____
- 11.1 - Em que ano você começou? _____
- 12 - Você utiliza a calagem? (correção da acidez) _____
- 12.1 - Em que ano você começou? _____
- 13 - Quando você começou a agricultura em terra de campo,
possuía bens imóveis, exceto os da granja? _____
- 13.1 - Em que município? _____
- 13.2 - Na cidade ou no campo? _____
- 13.3 - No caso de você possuir terras, indique o número de
hectares _____
- 14 - Em que ano você começou a trabalhar com o crédito a-
grícola? _____
- 14.1 - Qual o banco que lhe concedeu o primeiro empréstimo? _____
- 14.2 - Quais os bens que você ofereceu como garantia dos em-
préstimos bancários? _____
- 14.3 - Utiliza ainda o crédito agrícola? _____
- 14.4 - Que banco financiou a sua última colheita? _____
15. - Você adquiriu outros bens imóveis desde seu começo na
agricultura de campo? _____
- 15.1 - No caso afirmativo, e no caso de ter comprado terras,
indique as superfícies compradas, as datas de suas
compras e os tipos de terra: _____

TIPOS DE TERRA	HA	DATAS DE COMPRA
TERRAS DE CAMPO		
TERRAS DE MATO		
TERRAS COMPRADAS		
EM OUTROS ESTADOS		

- 15.2 - No caso de ter comprado imóveis urbanos, indique o número e as datas de compra:

TIPO DE IMÓVEIS	NÚMERO	DATAS DE COMPRA
TERRENO EM CIDADE		
CASA EM CIDADE		
APARTAMENTO EM CIDADE		

- 16 - Quantos hectares plantou então na última safra? _____
 17 - Qual é o seu equipamento atual em máquinas agrícolas?

MÁQUINAS	NÚMERO	DATAS DE COMPRA

- 18 - Se você faz também criação de gado, indique o número de hectares que você consagrou a ela durante o último ano agrícola?

T I P O S	H E C T A R E
PASTAGENS NATURAIS	
RESTEVA	
PASTAGENS ARTIFICIAIS	

- 19 - Para a última "safra" quantos hectares você utilizou em arrendamento? _____

- 20 - De que materiais são feitos? _____
 - A sede da granja? _____
 - O galpão? _____
 - As outras construções? _____

- 21 - Você mora na fazenda? _____

- 21.1 - Na negativa indique em que cidade ou vila você mora? _____

- 22 - Você tem um ou mais capatazes? _____

- 22.1 - Qual a origem étnica? (dele ou deles) _____

- 23 - Em quais municípios você já tem praticado a agricultura fora deste? _____

- 24 - Você já pensou em introduzir modificações na sua granja? (Na maneira de manejá-la, nas "benfeitorias, nas culturas, etc.). _____

- 24.1 - Se pensou, quais as modificações que planejou? _____

- 25 - Em sua opinião qual seria a melhor forma de desenvolvimento para seu município? _____

Somente o aumento da área cultivada das culturas? _____
 Aumento de culturas e criação de gado associadas? _____
 Somente o incremento da criação de gado em pastagens artificiais? _____
 Outras idéias (quais)? _____

- 26 - Qual é (ou era) a profissão de seu pai? _____

- 26.1 - Onde ele exerce (ou exercia) esta profissão? _____

Município

Distrito